



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



O "TRICICLE" DE EURICO

Desenhos de CASTANÉ
Por TOUTINEGRA

— «**O**LHA, o menino Eurico com a sua cicleta!...» Eis a exclamação soltada por um dos muitos gar-

oitos que jogavam a «malha», à sombra de frondosos eucaliptos, vendo um lindo menino fazendo rodar o seu «tricicle» na estrada alcatroada.

Como por encanto, todos largaram as malhas e logo abalaram ao encontro do triciclista que, ao chegar junto deles, se apiou, deixando-os ver e mexer, à vontade, naquele rico brinquedo, cuja posse era um sonho irrealizável para eles, em virtude de seus pais, menos ricos que os de Eurico, não poderem comprar-lhes.



Eurico nada tinha de soberbo. Tanto prazer sentia na convivência com um menino rico como com a de um menino pobre, chegando a não utilizar, por vezes, seus inúmeros brinquedos, só pelo prazer de ver contentes aqueles que a fortuna não bafejara nunca.

Ora naquele dia, como em muitos outros, todos os garotos o rodeavam, encaminhando-se com o «tricicle» para casa dos padrinhos de Eurico, onde brincariam num formoso jardim.

Pelo caminho depa-
raram Valério, outro menino rico, que os acompanhou.

Uma vez lá chegados, todos queriam ser o primeiro a andar no «tricicle», empurrando-se e questionando, enquanto Eurico, de parte, os deixava inteiramente à vontade.

Ao contrário de tantos outros meninos, o

(Continua na página 4)

A M B I Ç Ã O

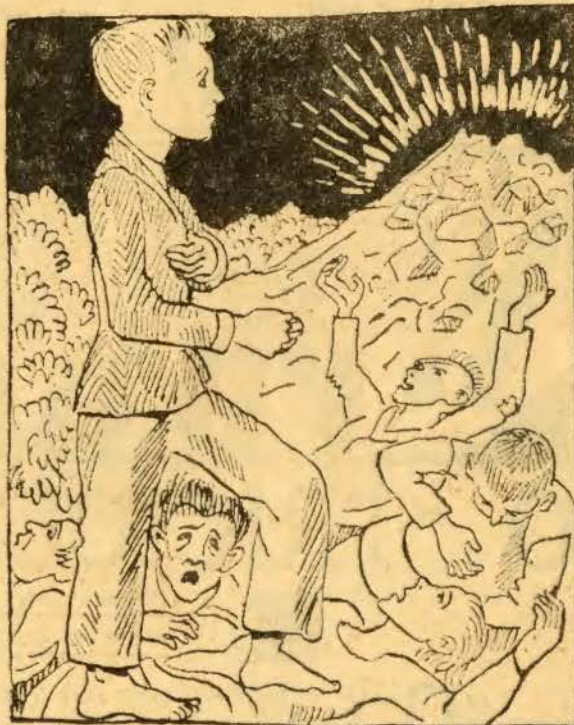
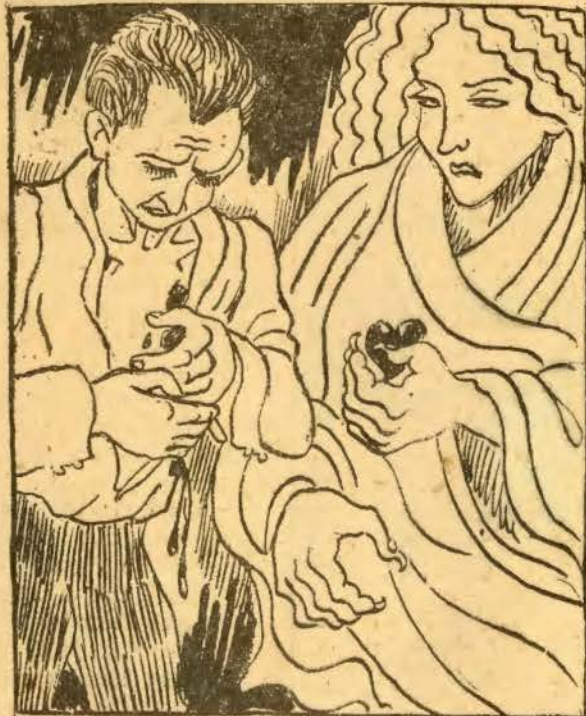
Por **MARIA AMERICA**

Desenhos de **A. CASTANÉ**

O desalento havia-se apossado de Jorge que, sentado num mórrosito, olhava tristemente os vastos campos verdejantes, onde centenas de trabalhadores mourejavam. Os seus olhos percorriam o horizonte e dizia para consigo, consoladoramente, que tudo aquilo lhe pertencia. Não estava porém, ainda satisfeito. Como devia ser bom ter dinheiro, muito dinheiro, deslumbrar o mundo, fazer inovações admiráveis nas suas propriedades e conseguir que os outros, mais poderosos do que ele, se subjugassem ao seu poder! Os projectos acudiam-lhe à mente atropelando-se, mas êle desanimado dizia: «Que tonto sou! Tudo isto não passa de uma quiméra».

E cogitando, encostou a fronte pensativa à mão e assim se quedou por largo tempo. Veio arrancá-lo a esta meditação um passo leve e subtil. Caminhava para êle uma formosa mulher de estranha beleza. Era alta, muito alta, os seus olhos fascinavam e as suas mãos, estreitas e longas, lembriavam garras aduncas. Jorge, maravilhado, subjugado por uma inexplicável sensação, olhava-a com prezo e temeroso. Ela, então, ciciou numa voz cantante e suave. «Não me conheces? Há muito que tencionava visitar-te, mas tinha receio de me tornar importuna. Hoje, porém, vejo-te mais desencorajado que nunca e pensei que te seria precisa. Olha-me bem, não sabes quem sou? Sou alguém que te vem oferecer o poder que tanto desejas, alguém que tornará realizáveis todos os teus sonhos e idêias. Vem comigo, garanto-te que não te arrependerás».

Jorge havia-se erguido e escutava deslumbrado aquelas



palavras que lhe entravam no cérebro uma a uma e aí se gravavam a letras de fogo. Ela segurou-lhe a mão e, com um sorriso irresistível, levou-o, suavemente, sem que êle opuzesse resistência alguma. A' sua frente, abria-se um caminho luminoso e ela, apontando para o alto, segredou-lhe: — «Vês, lá em cima? E' o poder; ali encontrarás a realização de todos os teus desejos. E' preciso, porém, preparares-te para a viagem. Previno-te de que há tentações muito fortes, mas não te detenhas, segue sempre à frente, só assim alcançarás o teu fim.»

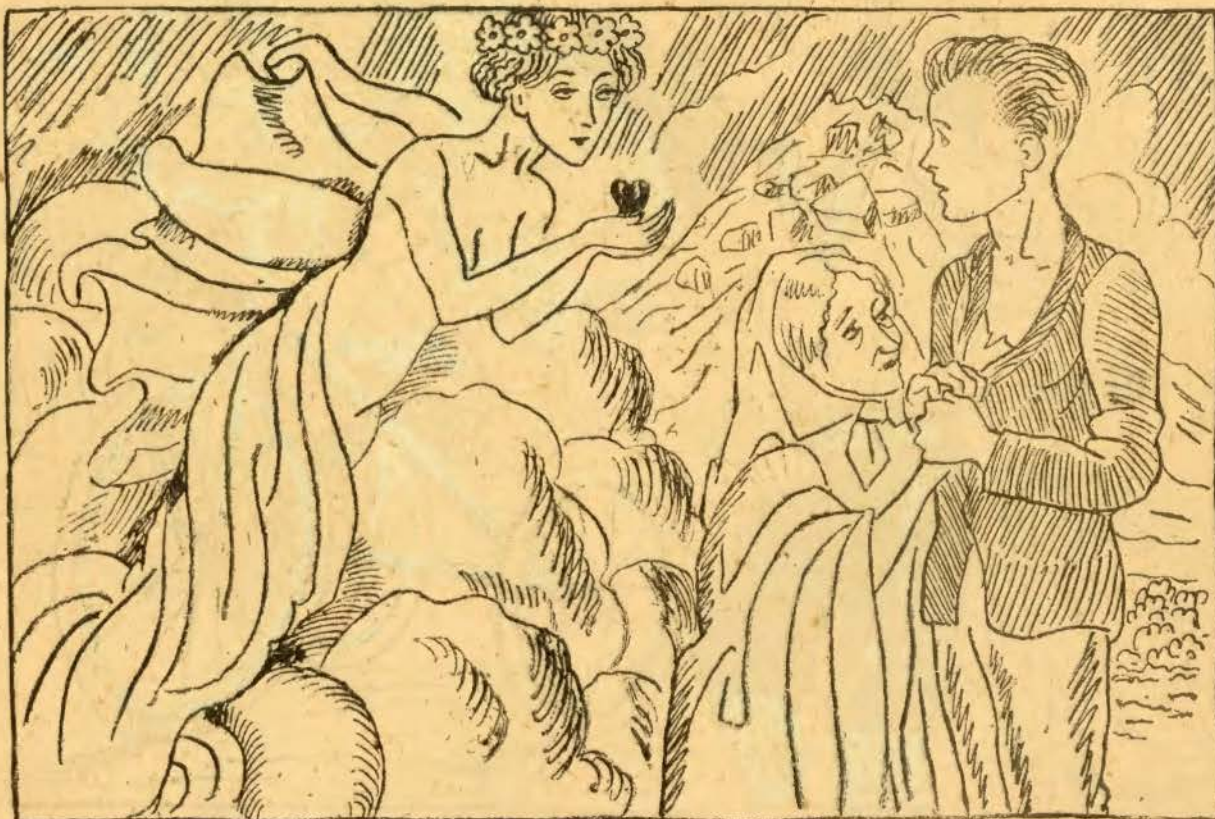
Jorge distinguia através uma nuvem doirada um trono brilhante e desocupado como que esperando-o, e entusiasmado, perguntou numa voz trémula: — «Mas quem és tu?» — «Sou a Ambição»; sem mim que será de ti? Eu sou-te indispensável, concorda. Toda a tua vida, sou eu quem a tem regido; nunca me mostrei, é certo, mas agora, num momento tão decisivo, não te devia abandonar. Vê, o trono está vago e sómente eu te posso conduzir lá.»

— Mas que exiges de mim, como paga?

— «Bem pouco. Unicamente quero que te submetas a uma pequena operação. E' para teu bem, cré; assim, a viagem ser-te-há mais fácil e estarás livre das tentações de que te falei. E' preciso que troques o coração. Toma êste... É de lata, bem sei, mas de que te serve o que tens agora se êle só te faz sofrer? Não sabes que o ambicioso não tem coração?»

Mas êle hesitava, travava-se uma luta medonha na sua alma. A consciência empregava todos os meios suasórios para o livrar do mal, mas o seu cérebro, calculista, apontava-lhe as conveniências e benefícios que lhe adviriam se aceitasse. A feiticeira tornou com influência:

— «Vamos, decide-te; há muitos que esperam uma oportunidade assim.»



Ele, então, abafando a voz límpida da consciência, respondeu-lhe: — «Pois bem, sim. Quero ser alguém; todos os que me suplantam, vê-los a meus pés, eis o meu mais ardente anelo». Ela sorriu vitoriosa e, cravando-lhe as garras no peito, arrancou-lhe o coração. Jorge deu um grito doloroso. Teve a sensação de que o apartavam de si mesmo e quando a formosa mulher lhe colocou o coração de lata, sentiu-se outro. A sua fisionomia mudou radicalmente. O olhar, meigo e franco, transformou-se em irónico e indiferente, o seu sorriso bondoso foi substituído por um rictus cruel que trespassava como uma lâmina de aço.

— «Estás pronto?

— «Estou, vamos...»

Então ela, arremessando ao largo o coração palpitante, passou-lhe à frente e mostrou-lhe o caminho.

— «Vai; esperam-te. Sê feliz.»

Desapareceu como por encanto e Jorge achou-se só naquela estrada imensa. Caminhava de cabeça erguida, indiferente às lamentações que se levantavam à sua passagem, sem reparar que pisava crianças esfomeadas, velhos esfarrapados, mães dolorosas e de olhos ansiosos, fitos no alto onde resplandecia o trono cobiçado.

Passou-se tempo e êle, o senhor, o poderoso, tinha a seus pés a mundo inteiro. Todos se curvavam aos seus desejos. Montes de ouro erguiam-se na sua frente. As queixas do povo chegavam até êle que as ouvia sem as escutar, indiferente a tudo que não fôsse a ambição. Aquele ouro amontoado à custa de quantas vidas, quantas lágrimas, era devido? E os desgraçados retiravam-se mais desesperados do que tinham vindo.

Um dia pediu-lhe audiência uma pobre velhinha. De joelhos implorou, não para ela, mas para tantos infelizes que êle não atendia.

Era sua mãe. Mas se a consciência a reconhecia, se a sua alma a chamava, o coração permanecia frio e mudo.

— «Filho, dizia a pobre, para quê tantas vítimas? Quão felizes eramos em nossa humilde casinha, com nossos corações juntinhos... Vem para mim, meu filho, sê bom e generoso como dantes. Eu sei que és desventurado, a felicidade não deve ser amassada com as lágrimas alheias. Não penses que é o ouro a mola que move a humanidade mas sim o Amôr.»

— «Mãe, não sabes que tributo é necessário pagar para chegar até aqui! Quem me dera ir contigo, mãe, mas não posso nem devo. Até aqui poderia oferecer-te o meu amôr sem limites, mas, agora, não. O coração que tu formaste à custa de tantas privações, troquei-o por outro que nada vale. Vai, abandona-me à minha triste sorte e que eu pague tudo o que tenho feito sofrer.»

A doce velhinha, baixou a nivea cabeça e murmurou dolorosamente: E Deus sabe o que eu faria pela tua felicidade. Senhor, valei ao meu filho; tende piedade dêle.»

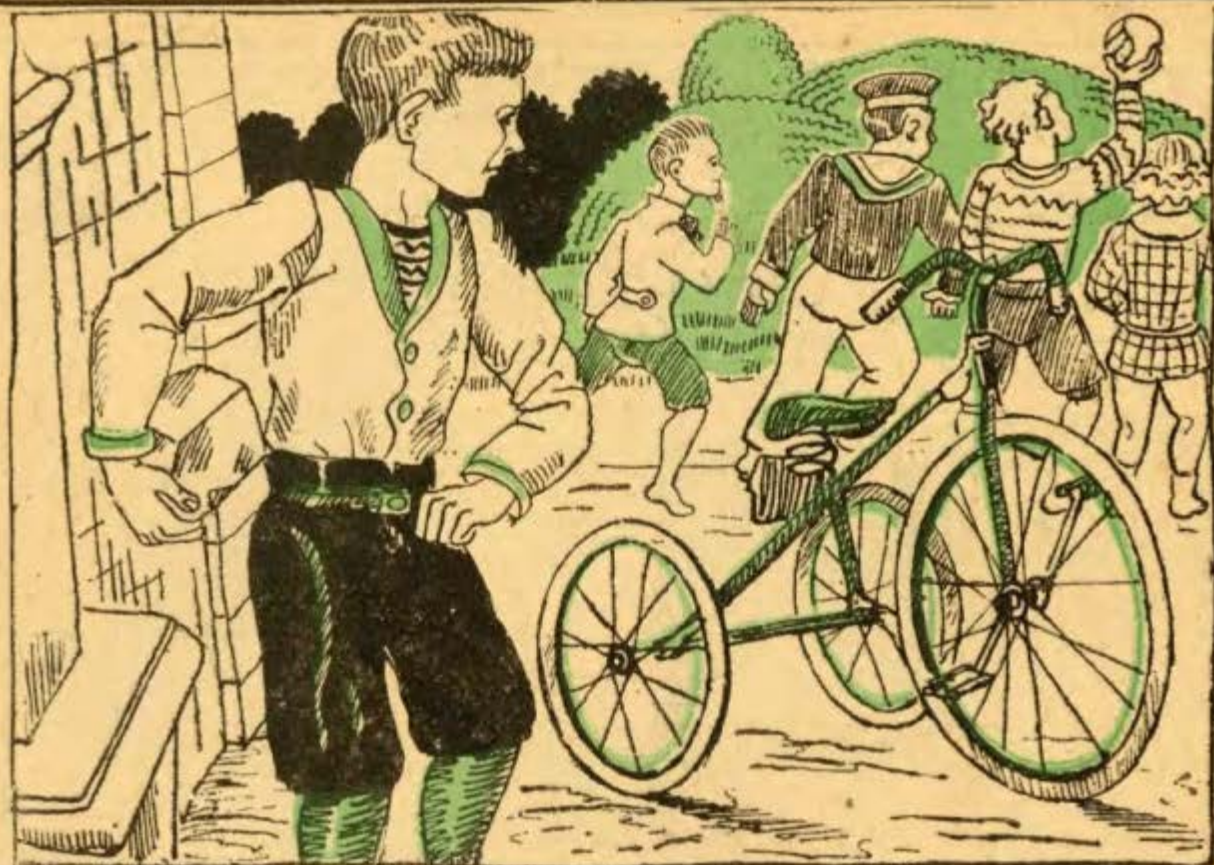
Então, do céu, desceu uma luz suavíssima, que se transformou numa linda e doce figura de mulher. As mãos unidas de encontro ao peito, escondiam qualquer coisa que trazia com cuidado.

— «Deus perdôa aos arrependidos, disse.

Os teus lamentos foram ouvidos por Ele, pela boca de tua mãe. Aqui tens o tesouro que despresaste; encontrei o abandonado. Pobre coração! Aqui o tens.

Abriu as mãos e, então, Jorge, num desespero, rasgando as carnes, arrancou o coração de lata, frio e inerte e colocou o seu. Com êle entrou-lhe a felicidade. Radiante, abraçado à mãe, deixou imediatamente o trono e passou desdenhoso por sobre os montões de ouro.

Voltou para a sua humilde casinha e vive felicíssimo cercado pelo amôr dos seus, não ambicionando mais do que a paz da consciência e uma vida serena.



O «TRICICLE» DE EURICO

(Continuação da página 1)

Entretanto, Garcia, um dos meninos pobres, conseguiu subir para o selim e dispunha-se a andar, dando aos pedais, quando Valério, cheio de altivez, lhe disse, empurrando-o brütalmente:

— «Primeiro sou eu!...»

Bastante atarantado, o pequenito caiu.

Eurico, avaliando bem quanto Valério havia sido injusto, impôs a sua autoridade, afirmando que quem iria primeiro era o Garcia. Então, Valério, amuado e raivoso, foi sentar-se a um canto do jardim, enquanto os outros brincavam alegremente.

Por fim, já fartos do «tricicle», saíram do jardim, deixando-o lá, bem como o Valério, de quem já se haviam esquecido, e foram jogar a bola para casa.

Valério, furioso, arrepelava os cabelos, enquanto grossas lágrimas lhe rolavam pelo rosto.

Eurico humilhara-o, sim. Ah, mas ele iria vingar-se!... (pensava, premeditando a desforra). E, procurando uma enorme pedra que, por fim, en-

controu, encaminhou-se para o «tricicle» do amigo, com a feia intenção de o escangalhar.

Chegado lá, porém, não resistiu à tentação de primeiro o montar e dar umas voltinhas pelo amplo jardim. Pousando a pedra, assim fez. Voltando ao ponto da partida e tropeçando na pedra, caiu desastradamente, fazendo tal barulho que despertou a atenção de D. Teodora, gentil madrinha do Eurico, a qual, largando o bordado que tinha entre mãos, desceu, logo, ao jardim, onde o foi encontrar, estendido e com um enorme galo que fizera na testa, por haver dado com ela na pedra que trouxera.

Interrogado porque se encontraria aquele pedregulho na alcatroada rua do jardim, levantou-se rapidamente, córou e titubeou um hesitante: — *não sei*, de veras comprometido. Mas ante o ar perspicaz e severo de D. Teodora, acabou por confessar a sua feia tenção de vingança e por pedir-lhe desculpa, bastante arrependido.

Em vista de tal confissão e arrependimento, D. Teodora não só o desculpou, como prometeu nada dizer aos seus companheiros, pois viu bem que ele já havia sido suficientemente castigado da má acção que é sempre uma vingança.

Só o perdão é nobre.

■ F I M ■

LINDBERGH E OS NINHOS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA



Era uma vez um belo passarinho que, com seu lindo par, pois eram noivos, resolveu construir um berço, um ninho na copa dum jardim, ao pé duns goivos.

Tudo que havia de mais leve e doce, agasalhante e fôfo, mais quentinho, no biquito das aves transportou-se para um ramo da copa e... fez-se o ninho!

E oh que lua de mel os lindos noivos passaram, vendo as horas deslizar e aspirando e perfume que, dos goivos, se ia evolvendo e perfumando o ar!

Até que um dia, pela Páscoa, em Março, após haver beijado a noiva, e vendo-a levantar-se no ninho, em vôo esparso, deparou nêle uma graciosa amêndoa



Então, erguendo o olhar, clamou: — «Deus sagre nosso Amor!...» E, passada a primavera, numa caixa de amêndoas — (que milagre!) — viu transformado o ninho que fizera!

Mas ao vê-la, uma noite, sôbre o ninho, ingênuo e inconsciente, a desafia: — «Provêmo-las!...» Mas, nisto, um passarinho sai lá de dentro, aos saltos... (quem diria?!)

E outro e mais outro e outro... E, só então, ao seu paterno instinto se revela o mistério sem par da Criação, que é de todas as coisas a mais bela!



Louco contentamento os avassala e, vendo os filhos de biquito inquieto, logo a ave-pal, num alvoroço, abala, em busca do sustento predilecto.

Entretanto a ave-mãe, de rama em rama, num enleio, começa a saltitar em derredor dos filhos que já ama, como, apenas, as mães sabem amar.

Certo dia, porém, mão criminosa cai sôbre o ninho e rouba os passarinhos, sem atender à graça milagrosa e encanto excepcional que têm os ninhos!



Sem compreender o grande sacrilégio que é transgredir as leis da Natureza, obra de Deus, divino privilégio dos que vivem do Amor e da Beleza,

E, então, não encontrando, no seu berço, os filhos inda inplumes, de asas cêres, sentindo o mundo, os céus, todo o Universo tremer, ruir nos próprios alicerces,

os pobres passarinhos, como loucos, começam a piar tão tristemente, que se a Dor assentasse nuhs caboucos, tombaria, também, ruidosamente!

(Continua na página seguinte)



LINDBERGH E OS NINHOS

(Continuação da página anterior)

E, no dia seguinte, quando a flux
os mil clarões da Aurora os céus tingiam,
rasgando a Treva, com punhais de luz,
dois pequenos cadáveres jaziam!

Entretanto, a mãozinha que fizera
esta tragédia inconscientemente,
não faria o que fez, se ela soubera
que as aves sofrem como sofre a gente!

Que há tanto amor no instinto paternal
dum passarinho, dum qualquer ave,
como no humano coração mortal,
fechadura em que serve a mesma chave!

Que há tanto sentimento, até carinho,
e até mesmo consciência do dever,

no coração dum simples passarinho,
como no coração do humano ser!

Meninos! Olhai, pois, vossas mãozinhas,
vêde onde poisam, tende mil cautelas!
Deixai voar, nos céus, as avezinhas
e respeitai os ninhos que são delas!

Porque roubar um pobre passarinho
do ninho ou donde quer que ele se albergue,
é crime atroz!

A história deste ninho
é como a do filhinho de Lindbergh!

F I M

COLABORAÇÃO INFANTIL

A Invasão dos Mosquitos

Ao meu primo Francisco

O rei D. Espargo e a rainha
D. Avenca eram casados
e tinham, por infelicidade,
uma filha Sardinheira, a qual
já contava trinta anos e não se
casava por causa do seu re-
pugnante cheiro.

A pobre princezinha Sardi-
nheira tinha uma grande pena
de não poder casar com o
conde D. Féto!!! Mas este
coitado, assim que sentia o
aroma de Sardinheira ficava
logo enjoado. Tanta vez ela já
pedira a sua altêsa o rei D.
Espargo seu pai, para conven-



reiros combateram, mas qual!!!
Vinham feridos pelos mosqui-
tos e cheios de comichões. O
conde D. Féto ia para a bata-
lha quando a princesa se pôs
à sua frente. Com o cheiro da
princesa fugiram todos os mos-
quitos e, então, o conde D.
Féto foi mesmo naquele dia
e naquele lugar que pediu a
mão da princesa.

Como era um pouco me-
droso, temia outra invasão de
mosquitos.

Genoveva A. do Canto Goulart



cer o conde a casar com ela
e nada!!!

Já tinham vindo príncipes
de todas as estufas mas ne-
nhum podia com o cheiro e
nenhum agradava à princesa
que, sómente, do tão altivo
D. Féto ela gostava.

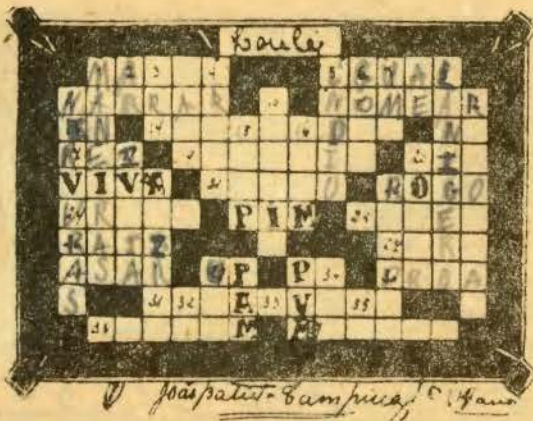
Passados dois anos já a po-
bre princesa contava trinta e
dois anos, deu-se uma invasão
de mosquitos que ia dando
cabo da real estufa onde guer-
ravam os reis. Todos os guer-



HORA DE RECREIO

ADIVINHA

PALAVRAS CRUZADAS



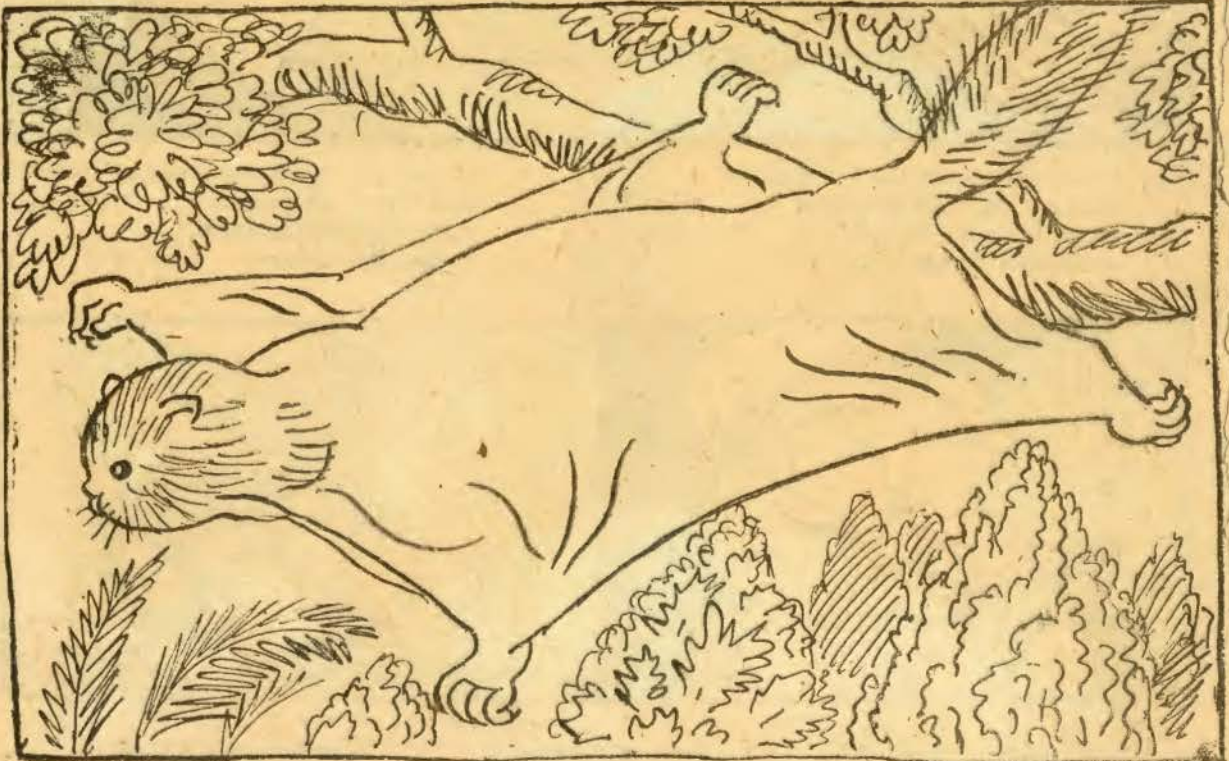
VERTICAIS:—1-Formas. 2-O que se respira. 4-Praia arc-nosa. 5-Indiano. 8-Que nos dá a lã. 9-Das plantas. 10-Acquiescer. 12-Responder. 15-4 letras de Gente. 16-4 letras de Maria. 18-Anagrama de Movia. 20-Título das religiosas. 22-T. de verbo. 23-Infinito de verbo. 29-Anagrama de Tua. 34-Firmamento escrito á antiga. 32-Nota de música. 35-Pronome pessoal.

HORIZONTAIS:—1 Grupo de pessoas. 5-Semelhante. 9-Relatar. 11-Designar. 13 «Em» em francês. 14-Maguadas. 17-Soberano. 19-Objecto. 20-2 consoantes e 1 vogal. 21-T. do verbo ler. 23-Súplica. 24-5 letras de Mourama. 25-T. de verbo. 26-Parte da arvore. 27-Palavra francesa. 28-Infortunio. 29-«sobre» em inglês. 30-Parte dianteira dum barco. 31-Estátua em miniatura. 36-T. de verbo. 37-«Perece» em francês.



Este bôbo anda á procura de duas odaliscas mas não as encontra. Contudo estão ao pé dele.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O TEROMIS BETAURISTA AEREO

O ofício de certos bichos



Meus meninos: — atenção!...
por certo não ignorais
que, entre os bichos, o Leão
é o Rei dos animais



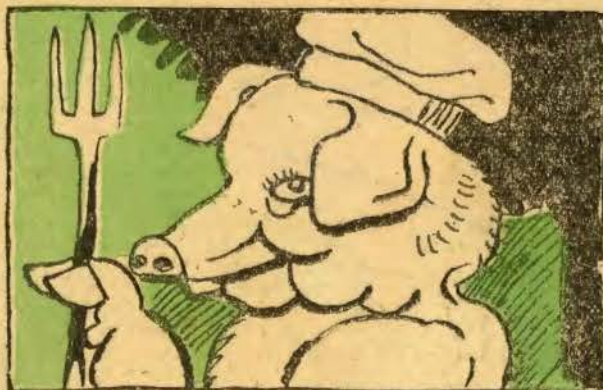
Mas não sabereis, porém,
que é calceteiro de estradas,
o hipopótamo, pois tem
patas maciças, pesadas.



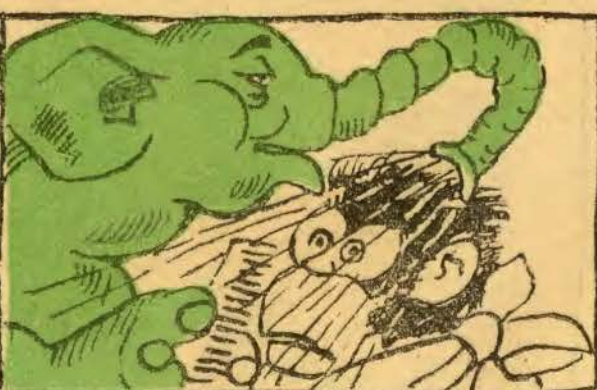
Que o porco-espinho é um bicho
que, por seu tipo ordinário
duma vassoura de lixo,
é varredor camarário.



E que, por exemplo, o burro,
com seu ar de pensador
e seu aspecto casmurro,
é filósofo e doutor.



Que o porco vulgar, o suíno,
é cozinheiro afamado,
por exímio e superfino
em porco de lombo assado.



Que o elefante é barbeiro,
que usa um pulverizador,
com que ele ganha dinheiro,
a trabalhar com primôr.

E vejam, com atenção,
como o barbeiro, por vezes,
aplica bem a loção
na cara dos seus freguezes.